

FERENC MOLNÁR

OS MENINOS DA RUA PAULO

TRADUÇÃO DO HÚNGARO, PREFÁCIO
E NOTAS

Paulo Rónai

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Aurélio Buarque de Holanda

Ilustrações da edição original húngara

Copyright © 2016 de acordo com o disposto por Lili Molnár e o espólio em benefício de Lukin, Hovart e Sarkozi. Reimpresso com a permissão de JOSEF WEINBERGER LTD. para LISA ALTER ESQ. em nome do espólio.
Copyright da tradução © Cora Tavsز Rónai e Laura Tavsز Rónai

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A Companhia das Letras agradece a Charles Cosac e Michael Naify.

Título original
A Pál utcai fiúk

Capa
Alceu Chiesorin Nunes sobre ilustrações de DR/ Žica Mitrović

Tradução do texto de capa
Mirta Schwarcz e Rita Spring Tarasanichi

Ilustrações de miolo
DR/ Artista desconhecido

Revisão
Jane Pessoa
Valquíria Della Pozza
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Molnár, Ferenc, 1878-1952
Os meninos da rua Paulo / Ferenc Molnár ; tradução Paulo Rónai; revisão da tradução Aurélio Buarque de Holanda. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: A Pál utcai fiúk.
ISBN 978-85-359-2846-4

1. Literatura infantojuvenil 2. Literatura infantojuvenil húngara
I. Holanda, Aurélio Buarque de 1900-1978. III. Título.

16-08717

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Prefácio – Paulo Rónai, 7

OS MENINOS DA RUA PAULO, 15

Uma questão de honra – Nelson Ascher, 253

A lição do grund – Michel Laub, 261

Glossário, 267

Sobre o autor, 271

PREFÁCIO

Paulo Rónai

Em toda a literatura mundial contam-se nos dedos os clássicos da juventude. Na maioria dos casos, são obras escritas para adultos, que, com o tempo, geralmente graças a uma adaptação, se transformam em leituras para adolescentes. *Dom Quixote*, *As viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoé*, *David Copperfield*, *Os miseráveis* são outros tantos exemplos de semelhante transmutação.

Ainda mais raro o caso contrário: livros destinados originariamente a um público de jovens e que passaram a interessar pessoas de todas as idades. Um deles é, sem dúvida, *Os meninos da rua Paulo*, do húngaro Ferenc Molnár.

Muito mais que o português, o idioma húngaro merecia, até há pouco, a qualificação de “túmulo do pensamento”. Sem parentesco nem semelhança com qualquer das grandes línguas de cultura, essa língua confinava os escritores que dela se serviam ao auditório restrito de seus conterrâneos.

(Digo há pouco, porque ultimamente esse estado de coisas tem mudado. Não que o aprendizado do húngaro se tivesse tornado mais fácil. Ocorreram, porém, dois fatos novos. O primeiro: a difusão por todos os cantos do globo de numerosa emigração húngara, por efeito das catástrofes da história recente. Os letrados que dela faziam parte, mal se apoderaram da língua de sua nova pátria, tratavam de transpor para ela a herança cultural do seu país de origem. O segundo:

as autoridades culturais da Hungria convenceram-se da utilidade de multiplicar esforços no sentido de divulgar no estrangeiro a grande literatura daquele pequeno país.)

Até 1945, para um livro húngaro transpor as barreiras do idioma tinha de trazer uma mensagem de excepcional importância. Pois já nessa data havia versões de *Os meninos da rua Paulo* em inúmeros países. Tenho tido em mão traduções para o francês, o alemão, o espanhol, o italiano e o esperanto; sei que depois surgiram outras, para o inglês, o russo e mais alguns idiomas.

Como é que um livrinho especialmente escrito para os adolescentes de Budapeste se metamorfoseia numa obra-prima clássica, lida com encanto por pessoas de todas as idades, de todos os países?

No ponto de partida, em 1889, num dos arrabaldes de Budapeste, houve um grupo de garotos, alunos do mesmo colégio, que costumavam reunir-se, depois das aulas, num terreno baldio, para jogar pela, brincar de clube, fingir de exército, arremedar eleições, sentirem-se importantes, viver num mundo que fosse só deles. Noutro ponto próximo da cidade, uma ilhota do Jardim Botânico, outro magote de meninos formava outro império de faz de conta. Apenas, estes não tinham espaço para jogar pela. Daí ocorrer-lhes a ideia óbvia de ocuparem o *grund* da rua Paulo, tomando-o ao primeiro grupo; este, porém, estava resolvido a defender aquele pedacinho de terra. Já se vê que o conflito dos dois grupos daria o assunto do romance.

Evidentemente o *grund* era, para aqueles meninos, muito mais que uns poucos metros quadrados disponíveis: era o

cenário daquilo que lhes parecia a parte essencial de suas vidas; num mundo de edifícios feios, apartamentos apertados, quartos sem ar, janelas sem paisagem — um reino para a aventura, a evasão, a liberdade.

Contada por um escritor que a acompanhasse de fora, aquela epopeia juvenil não comoveria tanto. Mas foi relatada por um de seus participantes, ainda bastante perto da mocidade para levá-la a sério, já bastante longe para dela sentir saudades. Autor de alguns romances e coletâneas de contos favoravelmente acolhidos pela crítica, Ferenc Molnár, então com 28 anos, sabia captar as características de uma época de transição. A industrialização incipiente começara a mudar os costumes patriarcais da Hungria; a pachorrenta capital transformava-se em metrópole irrequieta e nervosa. No seu romance *Zezé* e nas crônicas do volume *Crianças*, o escritor apontara os efeitos dessa mudança nas crianças da cidade, dotadas de precocidade excessiva, viciadas pelo artificialismo do ambiente, expostas à influência corrosiva do contato perpétuo com os problemas dos adultos, da inevitável promiscuidade urbana.

Como não haveria de lembrar-se da própria infância decorrida naquela mesma cidade, mas numa atmosfera completamente diversa? Do entusiasmo fácil, da espontaneidade autêntica, do idealismo ingênuo de seus companheiros de então, crescidos numa cidade ainda sem luz elétrica, sem telefone, sem automóveis, sonolenta e cordial com seus bondinhos de burro, suas ruas onde se passeava, suas praças onde se batia papo e — os seus *grunds*?

Não cabe resumir aqui os episódios da história, diverti-

dos ou patéticos, nem a descrição da batalha final, palpitante e dramática; nem retratar as personagens, o grave Boka, o temível Chico Áts, o ambíguo Geréb, o franzino Nemeček, único soldado raso, que se revela nos últimos capítulos. Deixemos o leitor descobri-los um por um, conhecê-los de perto, familiarizar-se com eles para nunca mais esquecê-los. Pois *Os meninos da rua Paulo* é dessas leituras que nos acompanham pela vida afora, livro de aventuras que vale por um estudo de psicologia, livro de memórias em que não se percebe a presença do autor, livro de guerra que nos reconcilia com a humanidade.

Em sua carreira ulterior, Molnár conheceria grandes triunfos. Deslumbraria o público de dois continentes com *O diabo*, *O lobo*, *O cisne*, comédias admiravelmente arquitetadas, de dialogação cintilante de espírito, de simbolismo transparente, de leve e divertida crítica social. Em algumas peças onde toma por assunto o próprio teatro, com o choque entre a vida vivida e a sua imagem representada — *Farsa no castelo*, *Prelúdio a Rei Lear*, *Marechal* —, se mostraria predecessor de um Pirandello. Mas não voltará a encontrar pureza igual de tom, dosagem tão perfeita de ironia e emoção, a não ser na poética “lenda de arrabalde” *Liliom*, representada no mundo inteiro, várias vezes retomada pelo cinema (a última sob o título de *Carrossel*).

Que o escritor que apresentou ao mundo visão tão luminosa da sua cidade tivesse morrido longe dela, no exílio, é uma das terríveis ironias da nossa época. De origem judaica, Molnár não aguardou que os nazistas o levassem para um campo de concentração ou uma câmara de gás; antes mesmo da nazi-

ficação completa da Hungria, mudou-se para os Estados Unidos, de onde nunca mais voltaria à Europa. Passou os últimos anos da vida entregue à composição de suas memórias.

Nesse ínterim devem ter morrido os modelos das personagens do livro, os companheiros de brincadeira do jovem Ferenc Molnár: a história turva da primeira metade do século xx multiplicou ocasiões para isso. O que não morre é a epopeia mágica da sua mocidade, em que milhões de leitores identificaram a própria juventude.

Nada melhor demonstra o poder que o livro exerce sobre as imaginações do que um incidente há pouco verificado na Hungria. Apresentou-se aos jornais um indivíduo que reivindicava para si a glória de ter servido de modelo à personagem, já lendária, de Nemecek. Aos que lhe objetavam que este morrera no fim do romance, respondia que os escritores se inspiram na vida real, mas não a copiam. O espertalhão chegou a falsificar o carimbo da Sociedade do Betume! Não era apenas sede de glória: como o pseudo-Nemecek previra, começava a ser convidado a fazer conferências e a contar reminiscências, a ser mimado, a ganhar presentes, o mais notável dos quais foi um apartamento estatal. Ia realizar uma turnê no estrangeiro, quando foi oficialmente desmascarado, para satisfação geral, pois não lhe perdoaram haver tentado alterar um mito.

Não me parece que o nosso romance precise de comentário ou de interpretação. A diferença de hábitos e instituições entre a Hungria de 1889 e o Brasil de 1973 salta aos olhos. Quando muito, lembrarei a rigidez bem maior do sistema escolar da Hungria de então: os alunos encaravam com

sujeição e medo os professores, espécie de semideuses que pairavam noutra esfera, mais alta. A proibição de formar associações não autorizadas pelo regulamento era absoluta: daí as medidas severas tomadas contra a inocente Sociedade do Betume.

Mas, de acordo com o momento e o país em que saem, as traduções deste livro singelo aparecem, de vez em quando, rodeadas de ressalvas. Em 1938, o tradutor francês julgou seu dever lembrar que a identificação dos dois grupos de meninos pela cor da camisa que usavam não correspondia, de modo algum, às divergências ideológicas da hora: tratava-se de um livrinho escrito em 1907! Em 1958, o tradutor russo, por sua vez, achou útil observar que o romance, velho de meio século, podia deliciar a mocidade soviética apesar dos sentimentos burgueses e do nacionalismo excessivo que refletia!

Em todo caso, estas características — se é que existem — em nada impediram a carreira gloriosa do livro em seu país de origem, onde continua sendo reeditado em tiragens fora do comum. A 18ª edição, publicada em 1972, que tenho em mão, saiu numa tiragem de nada menos de 94 mil exemplares.

Introduzidos no Brasil em fins de 1952 por intermédio desta mesma tradução, os meninos da minha cidade, mesmo sem o apoio de um prefácio interpretativo, encontraram compreensão. Tenho disto uma prova eloquente na carta que me dirigiu meu saudoso amigo Edgard Cavalheiro em 2 de fevereiro de 1953:

“Li *Os meninos da rua Paulo* e te agradeço muito vivamente pela oportunidade de conhecer essa obra-prima. Sou um sentimentalão e chorei um bocado com a reconstituição

desse mundo perdido que é a infância. Lá em Pinhal também tivemos a nossa quadrilha de uma rua e de um terreno baldio muito parecido com o da rua Paulo. E travamos épicas batalhas com grupos 'inimigos'. O mundo é um só, meu caro. Pena que os donos da vida continuem a dividi-lo para proveito próprio.”

A tradução teve ainda o mérito de provocar, anos depois, um belíssimo artigo de minha saudosa amiga Eneida (*Diário de Notícias*, 6 de março de 1955). Nesse artigo, ao mesmo tempo de crítica e de memórias, que vale por um título de naturalização, a grande cronista se exprimia assim:

“Creio mesmo, agora, que este livro é meu, porque é dos raros que — mulher sem inveja — eu gostaria de ter escrito.”

E conta com que entusiasmo leu o livro de uma sentada:

“Li, li, até terminar o pequeno volume onde se agitam vidas meninas, vidas sadias, vidas gloriosas, porque defendem, além do *grund*, aquele império — a alegria da juventude.”

Narra como, terminada a leitura, se lembrou da própria infância e do enorme quintal da casa paterna, da rua Benjamin Constant, em Belém do Pará, onde ela e um grupo de amiguinhos tinham o seu *grund*. E, relembando episódios dessa infância passada tão longe do cenário onde viveram os meninos da rua Paulo, conclui:

“Se eu pudesse, Paulo Rónai, faria com que *Os meninos da rua Paulo* se transformasse num livro de cabeceira, não dos pequeninos, mas dos jovens brasileiros... Aqueles meninos daquela rua de Budapeste lutaram por um terreno, ganharam a guerra, mas perderam a terra, porque ali devia subir um

arranha-céu. Não é essa também a história de todos os meninos do mundo de hoje?”

Antes desses dois testemunhos da integração dos meninos de Budapeste no ambiente brasileiro, dele já tivera uma prova indireta na emoção manifestada pelo meu querido mestre e colaborador Aurélio Buarque de Holanda no decorrer do penoso trabalho da revisão.

Publicada numa das maiores tiragens do Brasil em volume da Coleção Saraiva, a primeira edição, reservada aos assinantes dessa coleção, estava esgotada havia anos. Agora o livro está novamente ao alcance dos leitores brasileiros, novos e velhos. Faço votos que permita a muitos deles reviver capítulos da sua mocidade, como se deu com Eneida e com Edgard Cavalheiro.

OS MENINOS
DA RUA PAULO

A tradução de *Os meninos da rua Paulo*
é dedicada ao *Aurelinho Baird Buarque Ferreira*
pelo seu amigo *Paulo Rónai*.

1

Faltavam quinze minutos para uma hora. Na sala de ciências naturais, por cima da comprida mesa do professor, apareceu finalmente, após longas e infrutíferas tentativas, como para recompensar a expectativa intensa, uma cintilante risca verde-esmeralda no meio da chama incolor do bico de Bunsen, documentando-se, assim, que a composição química destinada, segundo afirmava o professor, a colorir de verde a chama do bico, cumpria o seu dever. Pois foi à uma hora menos quinze, exatamente naquele momento de triunfo, que no quintal da casa vizinha ressoou uma pianola, e isso acabou de vez com toda a seriedade da aula. Era um dia quente de março, as janelas estavam escancaradas e, nas asas da fresca brisa primaveril, a música penetrou na aula. A pianola tocava uma alegre canção húngara, transformando-a numa espécie de marchinha, emprestando-lhe um caráter tão estrondoso, tão

vienense,¹ que deu a toda a turma uma vontade de sorrir que muitos não souberam conter. A chama verde que oscilava alegre no bico de Bunsen, agora só atraía os olhares de alguns meninos dos primeiros bancos. Os outros olhavam pelas janelas para o mundo lá de fora, onde se viam os telhados dos casebres vizinhos, e, ao longe, rebrilhando à luz dourada do meio-dia, a torre da igreja, em cujo mostrador o ponteiro grande, reconfortador, se aproximava do XII. Voltada para a janela, a atenção dos meninos captava, além da música, outros sons que nada tinham que ver com a aula. Condutores do bondinho de burro trombeteavam, e num dos quintais uma criada cantarolava uma melodia totalmente diversa da tocada pela pianola.

A turma começava a mexer-se. Uns punham-se a procurar os livros na gaveta da carteira; outros, os mais ordeiros, limpavam as penas. Boka fechava o pequeno tinteiro de bolso, recoberto de couro vermelho, cujo mecanismo engenhoso não deixava vaziar a tinta a não ser no bolso do estudante; Csele² juntava as folhas soltas que para ele substituíam os manuais, pois era um janota que, em vez de sobraçar uma biblioteca inteira como os demais, trazia apenas as folhas indispensáveis, e essas mesmo cuidadosamente distribuídas por todos os bolsos de fora e de dentro; Csónakos,³ na última

¹ As marchas militares vienenses, como a célebre Marcha de Radetzky (1848) de Strauss (pai), eram vigorosas e intensas. [N.A.: Nelson Ascher]

² Pronuncia-se *Tchéle*. [P.R.: Paulo Rónai]

³ Pronuncia-se *Tchônacoch*. [P.R.]

carteira, soltava bocejos dignos de um hipopótamo entediado; Weiss revirava um dos bolsos, limpando-o das migalhas do pãozinho que dali retirara às escondidas, para mastigá-las aos poucos no decorrer das três últimas aulas; Geréb⁴ punha-se a arrastar os pés, ruidosamente, debaixo do banco, como quem faz menção de levantar-se; Barabás, enfim, sem o menor constrangimento, desdobrava sobre os joelhos o encerado para nele arrumar os livros conforme o tamanho, e apertou-os vigorosamente com uma correia, produzindo assim um estalo forte da carteira, que o fez corar de espanto. Numa palavra, todos se preparavam para sair, salvo o professor, o qual não parecia tomar conhecimento de que, ao cabo de cinco minutos, tudo estaria acabado. Percorreu com o olhar sereno todas aquelas cabeçorras e perguntou:

— Que é que há?

Estas palavras produziram um silêncio geral, um silêncio de morte. Barabás teve de largar a correia, Geréb recolheu os pés, Weiss tornou a virar o bolso, Csónakos dissimulou o bocejo tapando a boca com a mão, Csele repôs as folhas na carteira e Boka escondeu o tinteirinho vermelho, de onde, ao contato do bolso, a linda tinta azul se pôs a vaziar instantaneamente.

— Que é que há? — repetia o professor.

Todos se mantiveram imóveis, sentados nas carteiras. Então ele fitou a janela, pela qual os acentos da pianola penetravam num saltitar alegre como para mostrar a todos que não

⁴ Pronuncia-se *Guéreb*. [P.R.]

estavam submetidos à disciplina escolar, verberou a pianola com um olhar severo e disse:

— Csengey,⁵ feche a janela.

O pequeno Csengey, que era o monitor, levantou-se da primeira carteira e, com aquele seu arzinho sério e rígido, foi executar a ordem.

Nesse momento Csónakos debruçou-se pela carteira afora e segredou ao ouvido do lourinho sentado à sua frente:

— Nemeček,⁶ atenção!

Nemeček olhou furtivamente para trás e, depois, para o chão, onde uma bolinha de papel vinha rolando em direção a ele. Apanhou-a, dobrou-a e leu num lado do papel estes dizeres:

Passa para Boka.

Nemeček sabia que isto era apenas o sobrescrito e que o recado estava no verso. Mas como era um rapaz de caráter, não quis absolutamente ler uma carta destinada a outrem. Refez a bolinha e aguardou o momento oportuno para, então, cochichar por sua vez, inclinando-se da carteira para a passagem entre as duas fileiras de bancos:

— Boka, atenção!

Agora foi Boka que olhou para o chão, meio de comunicação normal dessa espécie de recados, e apanhou a bolinha. No verso, isto é, no lado que o lourinho Nemeček não lera por motivos de honra, liam-se estas palavras:

⁵ Pronuncia-se *Tchênguei*. [P.R.]

⁶ Pronuncia-se *Nêmetšek*. [P.R.]

Às três da tarde, assembleia geral. Eleição do presidente, no grund. Divulgar.

Boka pôs o papelzinho no bolso e apertou mais uma vez o seu pacote de livros, que acabara de arrumar. Era uma hora. A campainha elétrica entrou a berrar, e dessa vez até o professor tomou conhecimento do fim da aula. Apagou o bico de Bunsen, indicou a lição do dia seguinte e voltou ao gabinete de ciências naturais, onde, a cada abrir de porta, animais empalhados e passarinhos mortos empoleirados nas prateleiras piscavam os estúpidos olhinhos de vidro, e num canto, silencioso mas cheio de dignidade — mistério dos mistérios, horror dos horrores — um amarelecido esqueleto humano estava fazendo horas.

Num instante, a sala se esvaziou. Começou uma correria feroz pelas escadas abaixo, no meio das colunas, a qual só se transformava em pressa moderada quando, entre a barulhenta multidão de meninos, aparecia a silhueta ereta de um professor. Então os que corriam detinham o passo, o zum-zum se acalmava, mas logo que o professor desaparecia a uma volta do corredor, todos se punham novamente a precipitar-se escada abaixo.

O portão despejava um magote de meninos que se espalhavam metade à direita, metade à esquerda, tirando o chapéu à passagem de um ou outro professor. Depois dirigiam-se para casa, cansados e esfaimados, pela rua banhada de sol. Como outros tantos escravos, libertos de repente, cambaleavam naquela abundância de luz e de ar, ao retomar contato com a cidade viva, ruidosa, movimentada, essa mistura confu-

sa de carros, bondes de burro, ruas e lojas, que eles deviam atravessar para chegarem a casa.

No vão de um portão vizinho Csele regateava uma fatia de torrone. O homem do torrone acabara de aumentar os preços de maneira descarada. É fato notório que no mundo inteiro o torrone custa um *krajcár*.⁷ Quer dizer: o homem do torrone pega da machadinha, e o que ele separa com uma machadada só da grande massa branca semeada de avelãs custa um *krajcár*. Tudo, aliás, custava um *krajcár* no vão do portão, três ameixas ou três abrunhos, três metades de figo ou três metades de noz, besuntadas de açúcar líquido e espetadas num pauzinho; uma bala de alcaçuz ou de cevada; e até um saquinho de “forragem de colegial”, mistura das mais gostosas, formada de avelãs, passas, torrões de açúcar, amêndoas, lixo de rua, fragmentos de alfarroba e moscas mortas. Pelo preço módico de um *krajcár* a forragem de colegial traz um sem-número de produtos dos reinos animal e vegetal, como da indústria.

O simples fato de Csele regatear indicava que o homem do torrone tinha aumentado os preços. Os conhecedores das leis do comércio bem sabem que uma das causas possíveis de encarecimento é o perigo que a transação envolve. Daí o preço elevado de certos chás da Ásia que as caravanas têm de carregar através de regiões infestadas pelos ladrões: cumpre a nós, gente da Europa, pagar o risco. O homem do torrone ti-

⁷ Pronuncia-se *cráitsar*. Um *krajcár* equivale a 1/100 do florim húngaro (*fórint*), algo como um centavo. [P.R.]